

A IMPORTÂNCIA DE UM CONJUNTO DE VALORES NA ORIENTAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Milton Luiz Torres*

RESUMO

Reflexão sobre a importância dos valores da espontaneidade, volição, liberdade, autonomia e repetição no processo de ensino e aprendizagem, diante das crescentes pressões exercidas pelo mercado, *internet*, testes estandardizados e controle governamental da educação, e que são pertinentes especialmente para jovens professores que estejam em busca de uma filosofia onde ancorar sua prática, ou velhos professores que agora encarem a docência como uma tarefa hostil e pouco compensadora. De modo geral, enfatiza-se que, por causa de sua maior aderência à diferença, a fidelidade aos valores é melhor do que a crença de que há um remédio miraculoso capaz de solucionar todos os problemas que o professor enfrenta em sala de aula, pois mesmo a melhor metodologia e a melhor teoria educacional certamente não o isentarão de muito trabalho e dedicação.

Palavras-chave: Espontaneidade. Volição. Liberdade. Autonomia. Repetição.

THE IMPORTANCE OF A SET OF VALUES TO GUIDE TEACHING AND LEARNING PROCESSES

ABSTRACT

Reflection on the importance of the values of spontaneity, willingness, freedom, autonomy and repetition in the teaching and learning process, in the face of growing pressures from the market, Internet, standardized tests and governmental control of education, and which are relevant especially for inexperienced teachers who are seeking a philosophy on which to anchor their practice, as well as for experienced

* Pós-Doutor em Literatura Antiga pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutor em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Arqueologia Clássica pela Universidade do Texas em Austin (UT). Professor do Mestrado Profissional em Educação do Centro Universitário Adventista de São Paulo, *campus* Engenheiro Coelho (UNASP-EC). Coordenador do Grupo de Estudo da Antiguidade (GEAN). Endereço para correspondência: Alameda das Pitangueiras, n.º 202, CEP 13.165-000, Engenheiro Coelho (SP). Correio eletrônico: milton.torres@ucb.org.br

teachers who now came to view teaching as a hostile and not very rewarding task. In general, it is emphasized that, because of its greater adherence to difference, fidelity to one's values is better than the belief that there is a miraculous remedy capable of solving all the problems that a teacher faces in the classroom, even so the best methodology and educational theory will certainly not exempt him/her from much work and dedication.

Keywords: *Spontaneity. Willingness. Freedom. Autonomy. Repetition.*

LA IMPORTANCIA DE UN CONJUNTO DE VALORES EN LA ORIENTACIÓN DEL PROCESO DE ENSEÑANZA-APRENDIZAJE

RESUMEN

Reflexión sobre la importancia de los valores de la espontaneidad, voluntad, libertad, autonomía y repetición en el proceso de enseñanza y aprendizaje, frente a las crecientes presiones del mercado, internet, las pruebas estandarizadas y el control gubernamental de la educación, que son especialmente relevantes para los jóvenes profesores que buscan una filosofía para anclar su práctica, y para los profesores más antiguos que ahora ven la enseñanza como una tarea hostil y no muy gratificante. En general, se hace hincapié en que, debido a su mayor adherencia a la diferencia, la fidelidad a los valores es mejor que la creencia de que existe un remedio milagroso capaz de resolver todos los problemas que enfrenta el profesor en el aula, pues incluso la mejor metodología y teoría educativa no lo eximirán de mucho trabajo y dedicación.

Palabras clave: *Espontaneidad. Voluntad. Libertad. Autonomía. Repetición.*

1 INTRODUÇÃO

Em 2015, uma turma de alunos de teologia votou e me elegeu o pior professor do mundo. Devo ter feito mesmo um péssimo trabalho, pois, do contrário, não seria admissível que uma turma de alunos geralmente tão piedosos, como atesta minha experiência de mais de uma década lecionando matérias diversas para aquela habilitação, chegasse àquela conclusão a meu respeito e tanto se mobilizasse para que eu fosse afastado das aulas de grego que eu então lhes ministrava. O interessante é que essa opinião contrasta com avaliações bastante positivas que recebi em outras circunstâncias e lugares. Não estou, porém, usando essas avaliações anteriores para me eximir de culpa. Reconheço que errei. Eu os submeti a um processo de estudos mais intenso do que aquele com o qual estavam acostumados e fui traído por um otimismo injustificável: quanto mais protestavam, mais eu me convencida de que estava fazendo a coisa certa e de que, em

tempo, eles reconheceriam a validade de meus esforços. Eu acreditava que eu tinha uma filosofia infalível de educação. Perdi o emprego e computei a lição: a importância do *feedback*. Apesar dessa experiência recente de óbvios contornos negativos, eu me julgo bastante feliz nos agora trinta e sete anos ininterruptos de atividade docente. Eu, de fato, tenho bilhetes, e mais recentemente mensagens de *whatsapp*, de vários alunos que se dizem agradecidos por aquilo que aprenderam em minhas aulas de línguas antigas e modernas, filosofia e arqueologia. Guardo um calhamaço de avaliações discentes do meu desempenho como professor, nas quais, quase que invariavelmente, os alunos me dedicaram palavras muito bon-dosas de apreço e consideração, julgando-se, de alguma forma, devedores com relação à pequena contribuição que dei para sua formação.

Mas vamos ao que interessa. Ao longo de quase quatro décadas de magis-tério, descobri alguns princípios fundamentais que me ajudaram a obter êxito em meus esforços para ajudar o crescimento de meus alunos e envolvê-los nesse pro-cesso. Até 2015, esses princípios funcionaram infalivelmente e passo, agora, a partilhá-los com o leitor. Advirto, entretanto, que não se trata de nenhuma pana-ceia a toda prova, mas de valores que nortearam a minha docência e aos quais eu atribuo o segredo de minha vitalidade como educador. De fato, eu os julgo perti-nentes especialmente para jovens professores que estejam em busca de uma filo-sofia onde ancorar sua prática, ou velhos professores que agora encarem a do-cência como uma tarefa hostil e pouco compensadora. Como se percebe, não perdi o fôlego nem abri mão das minhas convicções. Pelo contrário, sinto que, agora, mais do que nunca, o magistério necessita do insumo de professores experientes e apaixonados pelo que fazem, sob cujo rótulo me incluo.

2 ESPONTANEIDADE

O valor mais importante que eu adquiri ao longo dos anos é o da espontanei-dade. O relacionamento com os alunos nem sempre é fácil, pois envolve questões éticas, morais, o quociente emocional de cada um, seu carisma e, principalmente, sua autoestima. Por essas razões, às vezes, o professor tem que agir com uma cau-tela excessiva, a fim de não ferir a sensibilidade dos educandos. Além do mais, re-centemente tem havido um movimento de alheamento que é perceptível na forma como os pedagogos deixaram de atribuir importância ao conteúdo para se encan-tarem com as metodologias. Obviamente, o ensino conteudista tem muitas inconve-niências. Contudo, a ênfase metodologista engessa o ensino e mecaniza excessiva-mente o aprendizado. No ensino conteudista, o professor tinha a ilusão de que era o único detentor do saber. No ensino metodologista, o professor entretém a ideia não menos ilusória de que tem controle rigoroso sobre os processos de ensino e aprendizado. Na verdade, esse suposto rigor tem simplesmente exaurido a edu-cação desse que considero o mais imprescindível dos valores: a espontaneidade.

Donald Winnicott (1990), pediatra inglês que se tornou psicólogo, ficou fa-moso com a frase “O gesto espontâneo é o momento essencial de ação criativa no espaço potencial que leva a uma mudança psíquica”. O “espaço potencial” acaba sendo, em sua perspectiva, “[...] uma zona intermediária entre a realidade e a fan-tasia” (REA, 2009, p. 114). Minha percepção é a de que o gesto espontâneo se tornou em nossa época de profunda desconfiança de tudo o que é inautêntico, a

mais poderosa ferramenta de ensino que existe. Por isso, é importante, inclusive, que a metodologia não transpareça de forma ostensiva. O problema é que nem todos conseguimos agir sempre com espontaneidade. Alguns de nós já nascemos quadrados. Não se pode negar o que se é. Pode-se, porém, atenuar isso, desde que o façamos com naturalidade e no desejo autêntico de criar um ambiente de diálogo e abertura.

O próprio momento em que vivemos exige que a espontaneidade seja um valor importante na sala de aula. Segundo Aquino (2002, p. 151),

Na contemporaneidade, vivemos tudo com pressa. E o único lugar que restou para as pessoas pensarem com vagar e, quiçá, com prazer, é a sala de aula, e nenhum outro lugar. Então, tenho proposto para as pessoas uma escola minimalista. Deveríamos ensinar menos coisas, com mais cuidado e menos pressa. Isso porque o professor é, antes de tudo, um narrador do tempo [...]

É preciso de tempo, para ser espontâneo. Em função disso, a experiência na sala de aula nunca deveria ser cronometrada para que cada ato sob a cortina ocorra de forma mecânica e pontual.

3 VOLIÇÃO

Outro valor significativo para a sala de aula é o da volição. Você pode plantar bananeiras, dependurar uma melancia no pescoço ou tentar qualquer outro jargão de teor igual ou semelhante, se o aluno não quiser aprender, ele não o fará. Sua metodologia pode ser a mais consistente e adequada, se não ganhar, desde o início, a atenção do aluno para o que você pretende fazer ou ensinar, tudo vai entrar por um ouvido e sair pelo outro. Você terá mais sorte em obter essa atenção, se agir de forma espontânea e for coerente em suas atitudes. Se não for assim, a alternativa é aderir à hipocrisia da sala de aula bem comportada e dócil, em que os alunos fingem que estão em conformidade com as normas estabelecidas, mas, em geral, estão com o coração a milhares de anos-luz do que, de fato, está ocorrendo na sala de aula. Daí, a onipresença, no ambiente de aulas, dos celulares e outros *gizmos*. A última palavra soa estranha, mas se refere a qualquer dispositivo eletrônico de última geração, cuja duração é tão efêmera quanto sua necessidade. É preciso lembrar que entretenimento é como açúcar: vicia, mas nem sempre contribui para uma dieta balanceada. Ensinar é oferecer legumes, que são ótimos para a saúde. Só que os legumes não produzem a infusão de adrenalina com a qual os alunos já estão quase que irremediavelmente acostumados. Todas as vezes que optamos por entreter os alunos, é como se lhes oferecêssemos sorvete; quando, entretanto, queremos voltar para a dieta que vai promover sua saúde emocional e intelectual, é como se lhes estivéssemos oferecendo algum tipo insípido de sopa de pedras.

Postman (1985) afirma que os pais atuais cedem a que os filhos gastem um número interminável de horas com entretenimento para aliviar a culpa de que não mais conseguem educá-los justamente por se eximirem dessa responsabilidade. Para ele, a combinação de entretenimento com tecnologia está invalidando as próprias bases daquilo que se entendeu tradicionalmente por educação: interação

social, capacidade de questionamento, centralidade da linguagem (em contraste com a centralidade das imagens), disciplina e decoro. Sair desse círculo vicioso requer, primeiramente, vontade por parte do educador e, em segundo lugar, vontade do educando. A vontade deve, portanto, ser o campo de batalha em que se trava a guerra pela educação. Uma vez que o processo educacional é tão dependente da volição, não creio que todos os alunos consigam aprender no mesmo ritmo e na mesma proporção. No entanto, todos podem aprender alguma coisa, dadas as condições necessárias para que isso aconteça.

4 LIBERDADE

Outro valor que é caro na sala de aula é o da liberdade. De fato, a liberdade é, para uma pensadora do quilate de Hannah Arendt, o bem mais precioso e a noção-chave de seu pensamento, que ela conecta à capacidade humana de, não sem perigos, começar as coisas (ALMEIDA, 2011, p. 126-130). A liberdade se torna tão vital em educação, porque ela garante a existência de importantes valores a ela associados, como fé, esperança e coragem.

Nós, professores, precisamos parar de dizer que estamos educando nossos alunos para desenvolverem senso crítico, se os rejeitamos e condenamos quando discordam de nós. Nesse âmbito, é preciso reconhecer que transmitimos aos alunos dados objetivos e dados subjetivos. É possível exigir deles respostas objetivas, quando o aspecto considerado é de caráter exclusivamente objetivo. Quando se trata, porém, de aspecto predominantemente subjetivo, ao aluno deve ser dada a liberdade de discordar o quanto queira. Devemos também dar-lhe a oportunidade de fazer a defesa de sua posição, mesmo que isso consuma tempo e nos inquiete por qualquer razão que seja.

Há, porém, formas diversas de encarar a liberdade. Kant (1785 *apud* KOSCH, 2011) a considerava a emancipação de qualquer tutela. Habermas (2010, p. 464-480), por sua vez, a via como o fim da injustiça e da pobreza em consequência da administração racional e do fim da coerção. Adorno, por outro lado, a entendia como um projeto quase impossível no qual a liberdade moderna nada mais seria do que outra forma de opressão (ADORNO; TIEDEMANN, 2014). É possível também vê-la, como Heidegger (1964 *apud* BARTOLINI, 2008, p. 91), sob a forma da renúncia a saber, poder e querer, na transcendência do sujeito e dos fundamentos. Nietzsche (2012, p. 39) a entendia como a afirmação da inocência, do jogo e da criação. Esses sofisticados conceitos filosóficos apontam para o ideal social e psicológico da liberdade como propulsora de posicionamentos específicos diante da sociedade e de seu futuro. Em nosso caso, minhas pretensões são muito mais modestas. Eu me refiro à liberdade no contexto da escola: a sala de aula deve liberar o aluno para o aprendizado.

Como afirma Hannah Arendt (1968 *apud* AQUINO, 2002, p. 9), “[...] fazer não é educação; educação é fazer imaginar”. O aluno deve, portanto, se sentir seguro o bastante para fazer a pergunta que queira, levantar a dúvida que o incomode, ou simplesmente contar a última anedota sobre o assunto em questão. Alguém me disse ter lido recentemente que o aprendizado é como a arte de girar pratos sobre varas no circo e que, portanto, é preciso ter cuidado com a quantidade de pratos que se põem a girar. Às favas com os pratos. Eles existem é para ser quebrados. A

sala de aula deve se tornar um *potlatch* opulento em que as experiências são valorizadas e ressignificadas por professor e aluno. Não se pode pecar por excesso, só por falta. Não há espaço, na sala de aula, para temor quanto aos erros, nem para o medo de se envergonhar ou fazer papel de bobo. Quando falo de espontaneidade, volição e liberdade, estou estabelecendo as bases para a superação desse horror que os alunos sentem hoje quanto à possibilidade de serem pegos em erro diante do restante da turma. É preciso, por isso, menosprezar o erro, desacreditá-lo como instância que se opõe à espontaneidade e liberdade. A melhor forma de fazer isso é enfrentá-lo. Para isso, precisamos dizer sensata, mas abertamente, quando o aluno cometeu um erro, o que não é nada demais, pois os erros não importam, senão como tentativas de aprendizado. Segundo Aquino (2002, p. 9),

Ser professor não é ser benevolente com o outro. Ele tem de encharcar o aluno de história e, assim, expor sua pequenez. Tarefa impiedosa, cruel em certo sentido. Porque toda criança ou jovem se julga o dono do mundo, um forasteiro que carrega um saber sempre inédito sobre as coisas do mundo.

Entretanto, não há razão para alarme nem alarde. Se o professor não ajudar o aluno a chegar à compreensão de que não sabe muito e que vai cometer erro após erro até começar a cometê-los menos e menos, a própria vida se encarregará de fazê-lo. Na sala de aula, é preciso praticar o que James Joyce disse, em *Ulysses*: “[...] os erros são volitivos e os portais para a descoberta” (JOYCE, 2002, p. 211). Ali, só o que não é volição se torna violação.

5 AUTONOMIA

A educação é, por definição, um processo conduzido, significado etimológico e longamente prezado da própria palavra. É como uma dança. Isto é, apesar de ser um processo participativo em que alunos e professores se engajam de forma ativa e consistente, sempre cabe ao professor conduzir os passos e apontar para a direção e a cadência. Eu tenho me interessado muito, ultimamente, pela dança como metáfora. Eu acho que ela revela aspectos importantes a respeito de como encaramos a vida, que, “sem música”, “seria um erro” (NIETZSCHE, 1973, p. 21), e, por conseguinte, a educação.

Isto não é uma dança? Isto tudo não é uma dança? Não é isto o que fazemos com as palavras? Não é o que fazemos quando conversamos, quando treinamos uns contra os outros, quando planejamos ou nos entregamos ao acaso? Uma parte se prevê na coreografia. Alguns passos têm sido feitos há séculos. E o resto, o resto é espontâneo. O resto a gente decide na pista de dança, no momento, antes que a música acabe [...] (LEVITHAN, 2014, p. 7).

Não admira que, em certo sentido, para Nietzsche (1973 *apud* LAROSSA, 2009, p. 36), “[...] ensinar a pensar é ensinar a bailar”.

Na educação, como na vida, há um elevado grau de imprevisibilidade, cuja complexidade não deve e não pode ser menoscabada. Por isso, a educação não deve estar sujeita a critérios de qualidade alheios a essa complexidade e sua im-

previsibilidade inerente. Ou seja, o professor não pode se render ao que dita o mercado nem aos órgãos de regulação do governo. Ele precisa ser sábio o bastante para compreender que essas exigências, embora geralmente alheias à real qualidade da educação por causa dos interesses escusos que as manipulam, são suficientemente poderosas para lhe custar o emprego, mas é preciso não se filiar demasiadamente a seus conceitos.

O professor precisa sentir-se livre para experimentar e atender os alunos em suas peculiaridades, muitas vezes interrompendo a aula que havia programado e optando por temática paralela ou até mesmo diferente, desde que consiga aproveitar a fresta de atenção que, de alguma forma, conseguiu criar no ambiente educacional. Não pode ficar à mercê de testes estandardizados nem da possível introdução de pedagogos burocráticos cuja proximidade da sala de aula e do que acontece nela é tão coeva quanto o amanhecer e o entardecer. Almejar a mera aquisição de competências é um objetivo muito limitado para a educação. Equivale a usar uma Ferrari como táxi. A Ferrari serve para transportar pessoas, mas, em sua consciência, ninguém a usaria apenas para isso. Não tenho uma Ferrari. Se, porém, tivesse uma, eu a usaria para transpor fronteiras, ir a locais exóticos e concretizar sonhos, não apenas para transportar passageiros, mas amigos e íntimos. A educação é um meio de transporte. Ela nos leva para o futuro, ao encontro das pessoas, para além do confinamento social, e nos eleva à imensidão ampla que se expande na frente de nossos olhos. Ela está aqui também para ajudar as crianças e os jovens que nos são “entregues”, durante intermináveis dias letivos, a superar os estranhamentos, a reprovação e a solidão que os constroem em dimensões insuportavelmente restritivas. É preciso romper com o conforto cômodo e incapacitante oferecido gratuitamente pelas redes sociais em que as mídias virtuais imergiram nossos alunos. Se conseguirmos isso, nós os ajudaremos a escapar da facilidade de se ocuparem apenas com o que é artificial, superficial e previsível. O mundo, hoje, nos puxa a todos para o mesmo ponto: a poltrona de consumidor dócil e adestrado. O professor precisa, por isso, dar o exemplo de autonomia que certamente os impressionará e os fará desejar esse valor além de qualquer quantificação.

Nesse contexto se coloca o chamado de Aquino (2002, p. 140) para que lancemos mão de nossa autonomia e liberdade:

Nossa profissão oferece uma liberdade sem precedentes e, muitas vezes, nem sabemos usufruir dela a contento. Ela oferece a possibilidade de uma existência singular - e quanto mais singular é o professor, mais seus alunos se aproximarão dele.

Entretanto, a autonomia da qual o professor necessita também exige que menos atenção seja dada às avaliações que dele fazem os alunos. Não que o aluno não seja capaz de avaliar o professor. O problema é que muitos deles não detêm as condições ideais para fazê-lo, já que estão imersos em um processo que pode assumir aspectos desgastantes. Diante da frustração que causam disciplinas exigentes como matemática e línguas estrangeiras, por exemplo, ou disciplinas para os quais o aluno não tem aptidão, o estudante tende a confundir a dificuldade inerente ao raciocínio complexo ou diferente daquele com o qual está habituado com uma deficiência pedagógica do professor. Como resultado disso, quando essas avaliações são usadas como indicador importante do trabalho do professor,

o professor fica em um estado de prontidão e alerta que inibe sua espontaneidade e, portanto, sua capacidade de conquistar a atenção dos alunos. Cria-se, então, um circuito deletério em que o aluno desiste de aprender, o professor fica com medo de ensinar e, por conseguinte, o aluno tem desempenho cada vez menos satisfatório. Tenho visto isso acabar com a carreira de muitos professores promissores, mas jovens demais para se libertar desse circuito de opressão. A avaliação por parte dos alunos deve compor oajuizamento do trabalho docente, mas deve ter peso secundário e relativo em comparação com outros indicativos muito mais confiáveis acerca do que acontece, de fato, na sala de aula, como, por exemplo, a própria avaliação do desempenho dos alunos, especialmente dos alunos mais comprometidos e maduros.

6 REPETIÇÃO

Em quase toda aula, repito o chavão: o melhor professor é a repetição. Preciso justificar esse fato, já que a *internet* vem treinando os alunos para olharem apenas por alguns segundos para uma página aberta no navegador e, logo em seguida, dirigir sua atenção para algo aparentemente novo e inusitado. E eu repito mesmo. Repito tudo quase às náuseas. Tenho aprendido que essas repetições consolam o aluno que está com dificuldade de concentração e fortalecem aqueles que não têm esse problema. A repetição deve ser criativa, mas não precisa ser necessariamente inovadora. Aliás, tenho muita dificuldade em compreender por que se enfatiza tanto a inovação na sala de aula. Será que é para que a indústria que se criou em torno dela tenha outro produto de consumo rápido para oferecer no próximo ciclo de modismos educacionais? Em minha experiência, tenho percebido que um conjunto limitado de metodologias funciona muito melhor do que uma verdadeira panóplia de métodos e técnicas oferecidos a atacado por essa indústria. A educação já é, em muitos sentidos, um processo tão imprevisível que, dentro da medida do possível, devemos atribuir a ela alguma dimensão de previsibilidade. As pessoas não aprendem por meio de um número ilimitado de maneiras. Os alunos geralmente elegem a modalidade com a qual se sentem mais à vontade e usam essa estratégia na maior parte de sua carreira estudantil. Não há nada de errado nisso, desde que dê certo. Os métodos empregados pelo professor precisam ser suficientemente variados para que isso possibilite que os alunos se familiarizem com as alternativas à sua disposição, mas não precisam ficar variando em toda aula. Pelo contrário, saber como certo professor ensina dá aos alunos uma sensação de segurança que lhes permite ficar à vontade em sala de aula, sem se sentir ameaçados por algo que os surpreenda de forma negativa.

Quando acontece o tempo todo em sala de aula, o gosto por novidades tem o mesmo sabor do déficit de atenção que acomete os alunos mais dependentes da *internet* do que da leitura de obras ponderadas e reflexivas. Obviamente, as aulas devem ser informativas e desafiadoras, o que envolve enorme grau de criatividade e, portanto, novidade. No entanto, insisto em que o que precisa ser novo é o que se aprende e não como se aprende. O ser humano é uma “máquina de aprender”. Estou falando figurativamente e o que quero dizer é que os alunos têm uma propensão natural para o aprendizado. Isso está embutido em sua genética. Não precisamos nos descabelar inventando metodologias que demoram mais

para serem aprendidas do que o fato educacional que queremos estabelecer. A metodologia e sua dinâmica não precisam ocupar o espaço reservado para o aprendizado. Aprender a aprender é muito importante. Entretanto, não é necessário ensinar o peixe a nadar no estilo borboleta. Pode-se ser muito bem sucedido na escola e na vida, nadando de peito a vida toda. O ensino do professor deve, portanto, ser simples, consistente e repetitivo, sem ser tedioso e cerceador. Que os professores saibam o que querem ensinar e eu garanto que os alunos, se quiserem, saberão aprender.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bem, já fui eleito o pior professor do mundo. Segundo o poeta E. E. Cummings (*apud* REKOWSKI, 2004), uma vez que acreditemos em nós mesmos, nós nos arriscamos a ser curiosos, a pausar em admiração, a ter gozo espontâneo e até a nos aventurar nas experiências que revelam o espírito humano. Porque eu confio em mim e confio em meus alunos, nunca tive medo de me arriscar em sala de aula e, talvez por isso, tenha conseguido algum sucesso e, como disse antes, vitalidade como educador. Isso me dá condições de ser fiel aos valores da espontaneidade, volição, liberdade, autonomia e repetição. Se esses valores deram certo para mim, o pior professor do mundo, eles podem dar certo também para o leitor. O mais importante, em qualquer caso, é que, como professores, levemos nossas ações além da boa intenção. Talvez o leitor descubra que precisa de valores diferentes dos que eu apresentei. Seja, então, fiel a eles, aos *seus* valores. Nunca se deixe convencer, porém, de que há um remédio miraculoso capaz de solucionar todos os problemas que enfrenta em sala de aula. A melhor metodologia e a melhor teoria educacional certamente não o isentarão de muito trabalho e dedicação. A consciência disso pode, entretanto, poupar-lhe tempo e esforço, pois você pode abandonar sua busca pela pedra filosofal e usar a pedrinha que tem na mão como primeiro alicerce do edifício que deseja construir. Fora isso, resista à tentação de usá-la para apedrejar o próximo professor que encontrar pelo caminho. Na educação, há espaço para a diferença. Se não houver, é melhor fechar nossas portas e deixar que a *internet* faça todo o trabalho. Será que, nesse caso, depois de nós, também os médicos e psicólogos serão substituídos pela *internet*? Não sei dizer. O que posso afirmar é que, diante dos desafios cada vez mais complexos que a educação atual nos impõe na condição de professores, “[...] como o dançarino sobre a corda, caímos ou nos equilibramos” (NIETZSCHE, 1973, p. 19). Não dá mais para tapear...

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W.; TIEDEMANN, Rolf. *History and freedom: lectures 1964-1965*. Hoboken: Taylor & Francis, 2014.
- ALMEIDA, Vanessa S. *Educação em Hannah Arendt: entre o mundo e o amor ao mundo*. São Paulo: Cortez, 2011.
- AQUINO, Julio A. *Diálogo com educadores: o cotidiano escolar interrogado*. São Paulo: Moderna, 2002.

- BARTOLINI, Paolo. Martin Heidegger and the philosophy of negativity. In: KARALIS, Vrasidas (Ed.). *Heidegger and the aesthetics of living*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2008. p. 79-94.
- HABERMAS, Jürgen. The concept of human dignity and the realistic utopia of human rights. *Metaphilosophy*, v. 41, n. 4, p. 464-480, 2010.
- JOYCE, James. *Ulysses*. London: Bodley Head, 2002.
- KOSCH, Michelle. *Freedom and reason in Kant, Schelling, and Kirkegaard*. Oxford: OUP, 2011.
- LAROSSA, Jorge. *Nietzsche e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- LEVITHAN, David. *Dash and Lily's of dares book*. Richmond: Mira Ink, 2014.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. São Paulo: Escala, 1973.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- POSTMAN, Neil. *Amusing ourselves to death*. New York: Penguin, 1985.
- REA, Silvana M. *Pelos poros do mundo: uma leitura psicanalítica da poética de Flávia Ribeiro*. 2009. 267 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- REKOWSKI, Lori. *A victim no more*. Madison, WI: Radiant Heart, 2004.
- WINNICOTT, Donald W. *O gesto espontâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.